

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

DE MAHAPRAJAPATI À MONJA COEN: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ZEN BUDISMO

FONSECA, Renan Lourenço da¹

Resumo:

O presente estudo tem como principal foco abordar as relações de gênero presentes no Zen Budismo brasileiro através da figura de Monja Coen. O objetivo geral é realizar uma análise da figura de Monja Coen partindo da perspectiva de gênero como categoria de análise. Para tanto, definiram-se os seguintes objetivos específicos: apresentar contexto histórico do Budismo com enfoque nas relações de gênero; investigar algumas das relações existentes entre mulheres e religião no Brasil. Abordar relações de gênero no Zen Budismo justifica-se porque há uma carência de visibilidade dos estudos que envolvam culturas não-ocidentais, suas relações com a cultura ocidental, assim como estudos que perpassem a perspectiva de gênero sob esta mesma temática. O presente estudo consiste em pesquisa de caráter exploratório, com resultados tratados de maneira qualitativa, através de fontes coletadas no site oficial da comunidade Zendo Brasil, o livro de autoria de Monja Coen “O que aprendi com o silêncio, além de entrevistas realizadas a membros da sangha zen-budista.

Palavras-chave: Monja Coen; Zen Budismo; Gênero

1. O contexto do Zen Budismo no Brasil

O Budismo nasceu na Índia como uma ramificação do tronco de tradição hindu, assim como consta nos Vedas e Upanishads². Sua proposta é a de libertar o ser-humano do sofrimento por meio do autoconhecimento, além de um forte apelo ético, também se empenha em práticas meditativas e contemplativas, e reflexões metafísicas com enfoque na Sabedoria. Sua comunidade é historicamente dividida em dois setores, que compõe o círculo monástico e os devotos leigos (GONÇALVES, 1988).

A notabilidade do Budismo em países ditos ocidentais é uma questão a ser compreendida, tendo em vista que sua origem longínqua, tanto geograficamente, quanto culturalmente, poderiam ser elementos adversos a sua adaptabilidade. Segundo Shoji

¹ Mestrando em História Pública (PPGHP), UNESPAR. E-mail: renan.l.fonseca@gmail.com.

² Textos sagrados do Hinduísmo.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

(2002) “Se por um lado o número de adeptos ainda é percentualmente pequeno, o Budismo tem tido presença constante na mídia e tem exercido influência considerável no mundo religioso contemporâneo” (p, 85). Entretanto, sua presença em países da Europa, nos Estados Unidos, assim como em regiões da Austrália e América Latina datam desde fins do século XIX, adotando características não tradicionais, ou seja, já desvinculadas a particularidade da herança religiosa, de pessoas adeptas e convertidas à religião de maneira deliberada (USARSKI, 2009). Além disso, Usarski (2009) nos apresenta um Budismo Ocidental Engajado, que em países ocidentais valorizam a prática atrelada ao cotidiano, em detrimento de um Budismo mais “clássico”, em que a vida monástica seria mais apreciada. Assim, temos um cenário de tímida expansão do Budismo no mundo Ocidental, cujas particularidades de ascensão vão reservar a cada região e país um desenvolvimento próprio.

No Brasil, o Budismo se revela ainda de modo irrisório nas reuniões organizadas pela Sociedade Budista Brasileira (SBB) em meados da década de 1920, aumentando frequência em 1955 e finalmente notável a partir da década de 60 (SHOJI, 2002). Dentre as correntes difundidas está o Mahayana ou Grande Veículo³, que tem predominância em países como China, Japão, Coreia e Vietnã. O grupo Mahayana tem sua origem no norte da Índia, com influências persas e helênicas, cujo modelo adotado era o do Bodhisattva⁴. Esta corrente tem por característica a abertura centrada para o laicato, entretanto não há um abandono à tradição monástica. No Brasil é representado pelas escolas chinesas, coreanas e japonesas, sendo esta última a mais antiga no país. Dentre as escolas do Mahayana se destaca o Zen, ramo Soto, considerada uma escola contemplativa (GONÇALVES, 2005).

³ “O Budismo se divide em um grande número de correntes ou escolas que podem ser englobadas em dois grandes grupos: o Pequeno Veículo, monástico e individualista, que predomina no Sudeste Asiático e o Grande Veículo, fundamentado na tradição laica, dotado de preocupações e de ordem social e de uma grande profundidade filosófica, que predomina do Extremo Oriente” (GONÇALVES, 2005, p. 53)

⁴ “Adepto que coloca em primeiro lugar sua contribuição para salvação de todos os seres, adiando indefinidamente seu despertar pessoal” (GONÇALVES, 2005, p. 201)

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Uma figura ilustre deste período de maturidade e abertura para diversas práticas budistas orientadas pelo ecumenismo teosófico é a do professor universitário Murilo de Azevedo⁵, que ajudou a fundar oficialmente a SBB em 1967 (SHOJI, 2002). Segundo Gomides (2017) as visitas do Dalai Lama também teriam sido um divisor de águas para o florescimento da religião, elas teriam gerado estímulo de publicação de vários livros em língua portuguesa, inclusive alguns best-seller de sua autoria, tornando a religião oriental cada vez mais visível. Ainda no que diz respeito as influências teosóficas e traduções de obras nos relata Ricardo Mário Gonçalves⁶ (2005):

(...) muitos dos brasileiros que se aproximavam do budismo traziam uma bagagem mental teosófica e ocultista obtida em organizações como a Sociedade Teosófica, que veiculavam uma visão do budismo muito distante daquela própria das ordens budistas ortodoxas. Lembro ainda que eram muito poucos os livros budistas disponíveis no Brasil, geralmente publicados pela editora O Pensamento, de São Paulo, de orientação teosófico-ocultista. Hoje, livros budistas das mais variadas escolas são facilmente encontráveis em boas livrarias. Alguns deles, como as obras do Dalai Lama, são verdadeiros best-sellers (p. 204)

Uma das vertentes difundidas na década de 60 foi o Zen Budismo, cujo interesse estava ligado à prática da meditação, propagado sob a influência da teosofia, do movimento hippie e a círculos intelectuais que tinham acesso a livros e publicações estrangeiras. A escola responsável pela representação institucional desta vertente foi a Soto (SHOJI, 2002). Segundo Gomides (2017), em 1961 houve circulação de uma tradução para o português da obra “Introdução ao Zen Budismo” de Daisetsu Teitaro Suzuki, que reforçou a difusão do Zen no Brasil. A partir de 1976 pelo menos 23 templos Zen foram fundados no país.

Para Rocha (2006) “as múltiplas influências que as práticas religiosas dos nikkeis sofreram desde que chegaram ao Brasil, justamente com o recente forte interesse pelo budismo na sociedade brasileira deram origem às práticas religiosas crioulizadas”.

⁵ Segundo Gonçalves (2005), Murillo Nunes de Azevedo foi um dos grandes divulgadores do Zen no Brasil.

⁶ Missionário da Ordem Otani de Budismo Shin, o Reverendo foi escritor, docente de História da USP, Doutor em História Medieval, Pesquisador do Instituto Budista de Estudos Missionários e Membro da International Association of Shin Buddhist Studies. Disponível em: <https://www.budismohoje.org.br/rev-ricardo-mario-goncalves-faleceu-nesta-madrugada-em-decorrencia-do-infarto-e-covid/> Acesso em: 14/03/22.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Segundo a autora, suas referências às “práticas religiosas crioulizadas” se devem pela ênfase à ideia de que a identidade budista se constrói no Brasil a partir da adaptação da religiosidade dos imigrantes japoneses aos “vocabulários” religiosos brasileiros, pois haveria aproximações com religiões contemporâneas aqui praticadas, como o catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras. Deste modo, termos como carma, zen, tântrico e bodisatva seriam utilizados com maior frequência e disseminados pelos mais variados veículos de mídia em todo o Brasil conforme as décadas avançam.

Neste cenário de disseminação do Budismo no Brasil, cabe destaque a uma figura budista que nos últimos anos esteve presente em vários programas televisivos e, principalmente, no YouTube, abordando temas abrangentes como vida, morte, saúde, autocontrole, etc., sob a perspectiva e linguajar de uma monja zen-budista. Esta figura é Monja Coen, que desde 1995 vem representando a vertente Soto-Zen do Budismo no Brasil, como missionária do dharma do Buda histórico, o Shakyamuni Buda, adotando uma postura simplificada para maior e melhor veiculação de sua mensagem. Mas, antes de tratar da trajetória de Monja Coen, façamos uma breve contextualização sobre a relação da presença de mulheres no meio religioso brasileiro.

2. O patriarcalismo religioso no Brasil

No Brasil, durante a ditadura militar, a Igreja católica integrou o grupo de resistência contra o regime autoritário militar, onde se destacam figuras de liderança como o cardeal dom Paulo Evaristo Arns. O discurso desenvolvido neste período, que vai de 1970 a 1980, favoreceu uma Teologia da Libertação, assim como das Comunidades Eclesiais de Base, cujo conteúdo acabou por prevalecer os homens, enquanto as mulheres, mesmo que estivessem engajadas com as propostas de uma formação de comunidades religiosas comprometidas com ideais de justiça social, ainda reivindicavam seus direitos no campo privado, nos âmbitos da sexualidade, reprodução e domesticidade (NUNES, 2008).

A civilização do controle e do medo instaurada pelo cristianismo, associada à repressão do prazer e à suspeita sobre o sexo, é inseparável da desvalorização simbólica e social das mulheres.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Mesmo se nos lembrarmos de que no matrimônio cristão, instituído no século XII pela Igreja, são os noivos que realizam o sacramento, havendo portanto um reconhecimento da capacidade das mulheres tanto quanto dos homens de expressarem sua vontade, a atribuição às mulheres de uma natureza própria cuja “essência” é a maternidade é um continuum no pensamento eclesial (NUNES, 2008, p. 72)

Por outro lado, apesar do ambiente religioso e cristão ter se demonstrado a perpetuidade da mentalidade patriarcal, não se pode ignorar a expressividade de adeptas mulheres neste mesmo ambiente. Neste sentido, Roese (2016) afirma que

A infidelidade religiosa delas, a opção de não pertença a uma única tradição, se trata de uma ruptura com a ideia de submissão a uma ordem anterior cuja ideia dominante era a de que era possível apenas a opção por uma única denominação religiosa. Esta prática pode ser verificada há mais tempo no contexto religioso brasileiro. Mas, há que se destacar o protagonismo das mulheres neste movimento, que implica no ato de assumir responsabilidade pela sua própria trajetória espiritual e de fé. Neste sentido, se trata, neste momento histórico, de um processo protagônico das mulheres. As mulheres sempre foram o maior público praticante da tradição religiosa hegemônica no Brasil – o cristianismo, eram também o público mais fiel (ROESE, 2016, P. 21)

Diante dos grupos religiosos fundamentalistas, que continuamente fazem investidas às lutas feministas, se faz necessário compreender a presença de mulheres nos espaços religiosos, tais quais igrejas, templos, terreiros, etc. Neste cenário de atuação de mulheres no meio religioso com tamanho peso e importância, se questiona a manutenção do status quo patriarcalista, tendo em vista a essência da igreja, majoritariamente frequentada por elas:

Ao adentrarmos uma das muitas igrejas ou templos que se espalham nesse Brasil de religiosidade plural e forçadamente ecumênico, notamos de imediato a forte presença feminina. As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. ‘Em nome de Deus’, tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas... Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam. Contudo, sua presença continua silenciosa e suas razões não ditas (NUNES, 2005, p. 364)

Assim, podemos verificar em algumas figuras e grupos uma tendência de subversão a este modelo patriarcal em vigor. Como coloca Roese (2016) “Ruptura com o patriarcalismo religioso cristão que pode ser verificada em outro fenômeno em processo no Brasil. Se trata da ruptura das “mulheres sacerdotisas” a quem o sacerdócio foi

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

negado em suas igrejas de origem” (ROESE, 2016, p. 22). Isto posto, podemos verificar em figuras como Monja Coen, que apesar de se tratar de uma monja budista, ainda carrega a carga da mentalidade brasileira de submissão das mulheres no ambiente religioso. Portanto, trataremos de falar logo em seguida desta figura inusitada e controversa do mundo religioso e midiático.

3. De Claudia à Coen

Claudia Dias Baptista de Souza era como era conhecida Monja Coen antes de sua ordenação. Filha de mãe católica e pai ateu, Claudia recebe uma educação religiosa aos moldes ocidentais⁷. Em uma entrevista concedida para o programa Provoações, da TV Cultura, em seu quinto ano de exibição, quando ainda era apresentado por Antônio Abujamra, ela disse

"Eu deixei de ir à igreja. Estava no Colégio Sion. Comecei a questionar as irmãs e minha mãe, que era muito católica, ia à igreja todo domingo. Eu dizia 'o que vocês pregam e o que vocês fazem não está coerente. E com treze anos nós somos muito exigentes com a coerência dos adultos'"⁸

Seu interesse desperto pelo Budismo surge na vida adulta, enquanto residia nos Estados Unidos, no Zen Center de Los Angeles, onde teve seu primeiro contato com a religião⁹. Desde então, seu envolvimento com o Budismo, e mais especificamente com o

⁷ “Meu pai sempre me deu a impressão de ser ateu. Não ia a igrejas e sua experiência no mundo político com membros das tradições espirituais fez com que não acreditasse nas instituições religiosas nem em seus dogmas. (...) Minha mãe era Católica Apostólica Romana. Minha avó, filha de Maria. Meu avô materno, relutante, as acompanhava às missas. Minha mãe também gostava de ir a curandeiras, leituras de futuro e tinha uma percepção extrassensorial muito forte. Se entrasse uma borboleta preta é que alguém ia morrer... e ela sabia até mesmo quem seria” (COEN, 2005).

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FSqJUJzzVhQ&t=1065s> Acesso em: 25/04/22

⁹ Antes do contato direto com o Budismo, Monja Coen menciona seu primeiro contato com meditação. Ao ser questionada por Abujamra sobre como ocorreu seu interesse pelo Budismo, Monja Coen relata o seguinte ““Meus queridos Beatles meditavam. Haviam outros grupos de Rock and Roll que o que me fascinavam mais neles eram as poesias, os textos que eles estavam cantando. Isso vem de Pink Floyd, Yes... E eles meditavam. Se esse povo inteligente medita... Eu gosto de gente inteligente, eu gosto de fazer o que as pessoas inteligentes fazem, então quem sabe isso ajuda um pouco. Comecei a meditar por minha conta!” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FSqJUJzzVhQ&t=1065s> Acesso em: 25/04/22

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Zen, vem tomando um rumo cada vez mais profundo. Atualmente, Monja Coen é abadessa do templo Taikozan Tenzuizenji, localizado no Estado de São Paulo, no bairro do Pacaembu. Além de suas atividades no templo, Monja Coen também produz vídeos para o seu canal no YouTube, onde acabou por ficar mais conhecida e em evidência na mídia brasileira. Entretanto, ainda que atualmente o Budismo possua maior abertura para a contribuição de homens e mulheres na religião de maneira mais igualitária, historicamente o Budismo não possui um cenário tão favorável a mulheres.

Segundo Gross (2005), apesar do Budismo não ser considerado “tão patriarcal” ou desvantajosos para mulheres, não há registros que demonstrem uma real oposição do budismo ao modelo vigente de domínio masculino. Daquilo que se tem documentado, Gross (2005) dirá que

Os registros históricos, os quais podem ou não se referir ao Buda propriamente dito, retratam não apenas o Buda concorrendo para o domínio masculino em seu tempo, mas também estabelecendo regras que garantiriam o domínio masculino na sua sangha e tornariam difícil ou impossível para as mulheres atingir o status de uma importante professora de dharma. Regras monásticas de senioridade declaram que todas as monjas são juniores com relação até mesmo ao monge ordenado mais recentemente. Esta é a primeira das oito regras especiais que o Buda exigiu que as mulheres aceitassem antes de ordená-las como monjas. Todas as outras regras também subordinam as monjas aos monges” (GROSS, 2005, p. 417)

Segundo constam os textos sobre o Budismo, tais como “as oito regras especiais” mencionadas anteriormente, a ordenação de mulheres não eram tão igualitárias, pois apenas homens teriam o perfil adequado para práticas monásticas. Como nos dirá Seoane (2018):

El proposito de la vida monastica es reunir las condiciones optimas para el crecimiento espiritual. Una posible interpretacion a la reticencia de algunos monjes a admitir mujeres podria radicar en el papel tan importante outorgado a la renuncia y a los placeres sensuales. No renunciar a ellos era una prueba evidente de no dominar las emociones y tener una mente liberada. La obligacion de convivir con mujeres (inicialmente, las shangas eran mixtas) supondria a algunos monjes un permanente recuerdo de las debilidades que querian superar. Esta explicacion hace razonable la existencia de normas que especifican que um monje no puede estar a solas en determinados lugares con una mujer u otras indicaciones que van en la direccion de evitar tentaciones (p. 147)

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Assim como no Ocidente, o patriarcalismo era uma realidade no tempo de Buda. Segundo França (2020), na Índia, o berço da religião budista, mulheres que optavam pela participação na sangha ao invés de casarem-se era considerado um ato revolucionário, pois uma mulher desvinculada à figura de um homem era um problema. Ainda nos dirá França (2005) que “na Índia, no tempo do Buda, onde a função primordial da mulher era de gerar filhos, preferencialmente que fossem homens, se ocorresse a perda deste ela seria submetida à pressão social de não estar sendo capaz de cumprir seu papel” (p. 42). Este tipo de padrão cultural, onde há a naturalização da submissão da figura da mulher em relação aos homens é perceptível em outros momentos do Budismo, como podemos verificar nas ramificações do Budismo, exemplificadas aqui no Mahayana, onde se encontra o Zen. Segundo Seoane

Se ha recogido que el Buda se nego a ordenar mujeres en su primera peticion cuando Mahapajapati Gotami pidio la entrada en la orden junto a 600 mujeres. Tambien esta probado que hubo orden femenina en un tiempo y sociedad (la india de hace 2.500 anos) en que las mujeres vivian para sus familias, dependian de sus maridos y a veces llegaban a inmolarse con ellos tras su muerte. Las mujeres no tenian posibilidad de escapar de sus destinos, justificados en una concepcion pre-budista del karma que explicaba su situacion en el momento presente ni podian abandonar su casa para estudiar (p. 142)

Segundo Seoane (2018), no Mahayana, com o desenvolvimento do monaquismo feminino, é possível notar forte teor discriminatório dos monges com as monjas. Juntamente com o fato de haver um baixo número de ordenações completas por parte do grupo de mulheres e de suas limitações nas práticas baseadas em normas adicionais, a permanência de atributos do despertar relacionados ao corpo masculino também apontam para a continuidade do patriarcalismo sobre as versões subsequentes do Budismo original. No Zen este comportamento continua presente, apesar de Eihei Dogen, fundador da ordem Soto Zen no Japão, tenha afirmado em seu Shobogenzo que tais posturas estariam incompatíveis com aquilo que teria interpretado em seus anos de estudos e formação na religião. Assim como afirma Nearman (2007)

Ela envolve a atitude do budismo em geral, e Dōgen em particular, em relação às mulheres na vida espiritual. Embora seja verdade que em algumas culturas durante alguns períodos atitudes sociais negativas em relação às mulheres, infelizmente, colorido a prática do budismo, a

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

visão de Dōgen é inequívoca: os machos e as fêmeas são iguais espirituais e monástica, para a iluminação não conhece tal distinção de sexo (p. 18).

E se tratando de um Budismo mais contemporâneo, Monja Coen é um dos muitos exemplos de monjas budistas ordenadas nas últimas décadas, que conseguiu alcançar uma posição de respeito na condição de mulher perante os demais membros homens de sua comunidade. Esta é uma das características advindas do Oriente que encontraram solo fértil e compatibilidade nas aspirações ocidentais, tal como dirá Gross (2005), “Juntamente com o impulso para uma participação igualitária das mulheres no budismo, muitos observadores do budismo ocidental encaram a demanda crescente por democracia nas instituições budistas como a pedra de toque do budismo moderno.” (p. 214).

Entretanto, esta constatação não nos impede de enxergar um cenário ainda desigual entre os gêneros, ainda que muitas coisas tenham se modificado com a extensão do Budismo no mundo. Vejamos a seguir alguns relatos extraídos do livro de autoria de Monja Coen, intitulado “O que aprendi com o silêncio”, em que nos revela um pouco de suas experiências quanto monja em formação, quando ainda era noviça no Japão.

3.1. Trechos de “O que aprendi com o silêncio”

Em dado momento do livro “O que aprendi com o silêncio”, Monja Coen atribui a Kojima Roshi, uma mestra zen-budista de sua ordem, uma revolução na vida monástica japonesa e tornou-se um marco para as futuras ordenações de novas monjas, até então muito dificultadas pelo modelo majoritariamente masculino. Assim relata Monja Coen:

Tive a oportunidade de conhecer no Japão a reverenda monja Kojima Roshi, pioneira na inclusão das monjas Soto Zen Budistas. Após a Segunda Guerra Mundial, ela viajou por todo o Japão conversando e convencendo o alto clero a admitir a equidade entre mulheres e homens monásticos. E, hoje, graças à Mahaprajapati Daiosho e a todas as monjas e mulheres budistas da história – e, especialmente, a Kojima Roshi –, posso officiar todos os tipos de cerimônia, ordenar

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

monges e monjas e transmitir o Dharma a futuras gerações (COEN, 2009, p. 24)

Porém, como qualquer mudança, resquícios da mentalidade anteriormente vigente ainda se faziam presentes enquanto Monja Coen estava em formação, evidenciando como o processo de adesão efetiva da equidade entre os gêneros no monaquismo vem se mostrando gradual.

Em um outro momento do livro, Monja Coen relata uma experiência particular onde são flagrados alguns fatores de resistência entre gêneros. O trecho a seguir relata um momento de cerimônia em que se encontravam presentes monges e monjas:

Geralmente o zagu não é completamente aberto no chão, mas dobrado em três partes. Muito empolgada, treinei em meus aposentos como abrir completamente o zagu. No ensaio geral houve um embate. Alguns monásticos disseram que eu, sendo monja e a segunda a fazer as reverências, não deveria abrir o zagu completamente, que só o monge à minha frente o poderia fazer.

Quando ouvi isso, fiquei triste e chorei. Lágrimas escorreram de meus olhos e houve uma grande comoção na sala de ensaio. Os grupos se dividiam – se eu deveria ou não deveria abrir o pano todo. Ao final, um monge se colocou perto de mim e me disse: ‘Abra o zagu completamente’.

Eu, porém, no dia da cerimônia, não abri. Fiz como a tradição supunha que as monjas, sempre em segundo lugar, deveriam se comportar. Entretanto, depois disso, muita discussão correu na ordem e hoje as monjas, bem como os monges, abrem seus zagus completamente não só na celebração de Preceitos

Desde Mahaprajapati, mais de 2500 anos se passaram entre sua dificultada ordenação até que Monja Coen pudesse vestir o manto, se tornando a primeira mulher brasileira a ser ordenada monja zen-budista, mas o patriarcalismo é algo que se mostrou e se mostra tão entranhado na cultura que sua superação ainda não se tornou uma realidade de fato, pois, como no relato anterior demonstra, a continuidade dos valores presentes naquelas teoricamente superadas “oito regras especiais” resistem até os dias atuais.

Isto não é uma exclusividade no Budismo. No Brasil a tradição hierárquica também é um fator de desigualdade entre homens e mulheres na participação de atividades dentro da igreja católica. Assim como afirma Fernandes (2005)

O posicionamento de alguns rapazes acerca das relações de gênero na Igreja tende a inclinar-se para uma manutenção do status quo, seja

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

relativizando a não-atribuição de um lugar às mulheres na hierarquia a partir da defesa da tradição, seja positivando e valorizando a presença feminina nas Igrejas a partir da atuação das mulheres em alguns ministérios (Eucaristia, Celebração da Palavra) e em atividades paroquiais (p. 433)

Este é um fenômeno influenciado pela já mencionada tradição. No que diz respeito aos seus usos históricos “A palavra tradição teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra” (SILVA, 2009). Assim, historicamente vinculada à religião, a tradição se mostra como um elemento de arbitrariedade e de usos variados, tais como apontados por Hobsbawn (1984) “É evidente a intenção é usá-las, aliás, frequentemente, de inventá-las para a manipulação” (p. 315). E neste caso, a manipulação se faz presente na manutenção do status quo, da tentativa de permanência da subserviência das mulheres no ambiente religioso, permitindo a elas cargos e funções de menor destaque.

3.2. Trechos de entrevistas

O relato a seguir é do Monge Taishin, que nos fala um pouco sobre Monja Coen e sua relação com o mundo majoritariamente masculino no Budismo:

Você não vê histórias de mestras Zen. As historinhas que você escuta são de mestres Zen. Então é uma mulher, é uma mulher! Não é um professor Zen, um monge Zen. É uma monja, é uma mulher! Ela vence isso da barreira. Porque aqui no Brasil tem muito isso que as lideranças religiosas estavam muito centralizadas na masculinidade (TAISHIN).

Duas coisas são importantes de se destacar. A primeira delas diz respeito à sua menção as “historinhas”, e que estas se referem a uma realidade japonesa ou oriental, tendo em vista que é muito recente a ordenação de monjas, e tão recente quanto é o aparecimento de mestras zen-budistas no Brasil. Neste sentido nos dirá Michelle Perrot:

Da História, muitas vezes a mulher é excluída. Primeiramente o é ao nível do relato, o qual, passadas as efusões românticas, constitui-se como a representação do acontecimento político. O positivismo opera um verdadeiro recalçamento do tema feminino e, de modo mais geral, do cotidiano. (...) O “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

fala do homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História! (PERROT, 2017, n.p)

O segundo apontamento é sobre a realidade brasileira, frente as lideranças religiosas centradas na figura de homens, que criam contraste com a presença de Monja Coen, quanto líder religiosa e mulher. Para Seoane (2018), figuras como Monja Coen representam uma mudança nesta perspectiva

El papel de las budistas antiguas y modernas, orientales y occidentales, y su determinacion de crear su futuro es innegable. Las mujeres budistas, conocedoras de la inexistencia de una realidad que funcione por si misma, estan recuperando protagonismo. Han podido hacer esto al no limitarse a una de-construccion de partes pre-seleccionadas o filtradas, sino centrandose en la re-construccion de la realidad que quieren ver en el futuro (p. 155)

Já em uma entrevista posterior, realizada com Monja Sodo, é relatado que esta discrepância entre gêneros não se apresenta em sua visão e experiência no Brasil. Por outro lado, em sua visão, no Japão o preconceito continua patente.

Como monja no Brasil não tive nenhum tipo de preconceito. Nunca senti esse preconceito, principalmente dentro da Daissen. Todos temos os mesmos direitos e as mesmas posições. O mesmo peso, dentro da Daissen, existem muitas mulheres em cargos de liderança, então não tem esse problema dentro da Daissen. No Japão existe... É uma sociedade machista, sim! O papel da mulher é um pouco diferente do papel da mulher aqui. Então, logicamente, isso passa de certa forma para o Budismo. (SODO)

Neste caso percebemos a peculiaridade da forma como o patriarcalismo se demonstra indetectável em uma sociedade imersa no machismo. Devemos considerar e aplicar aquela máxima? Se tudo é machismo, nada é machismo? Nós achamos que não. Muitas vezes o machismo se encontra naturalizado e, portanto, inverificável. Entretanto, isso não quer dizer que o mesmo não se esteja presente.

Em outra entrevista, realizada com Monge Yakusan, discípulo de Monja Coen, ele relata sobre essas particularidades do patriarcalismo e do machismo no Budismo japonês e brasileiro.

A Soto Zen, nossa ordem, vem fazendo movimentos. Ainda é majoritariamente masculina, mas é pela questão histórica da própria sociedade. A gente está inserido em um contexto cultural em que temos diferenças de gênero do Japão e no Brasil também. É que no Brasil nós tivemos a sorte de ter tido a primeira brasileira ido fazer treinamento fora e trazer esses ensinamentos depois, mas a sensei passou dificuldades na sua volta. Tinha no Brasil, na volta dela, uma estrutura masculina voltada para a comunidade japonesa. O que acontece no

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Brasil com as questões de gênero com o Budismo acaba não sendo diferente do que acontece na sociedade.

Para ilustrar esse novo contexto de tentativa de superação do patriarcalismo no Budismo, Frank Usarski apresenta a perspectiva de Rosemberg sobre o quadro:

Uma das expressões é a quantidade de mulheres e sua reputação no ambiente budista. Isto vale não apenas para os adeptos "comuns", mas também para o número crescente daqueles budistas responsáveis pelo ensinamento e transmissão do *dharma* – situação que se explica também pelo fato de que a, durante boa parte do seu percurso, o Budismo ocidental foi moldado sob a influência de movimentos alternativos, inclusive o feminista. (USARSKI, p. 61)

Portanto, apesar da renovação de o ambiente budista vem passando, tal qual aponta Usarski, ainda vemos uma grande perpetuação do modelo masculino de abertura a novos adeptos, como lembrou Yakusan.

Considerações Finais

Monja Coen é uma figura inusitada em um meio majoritariamente masculino, tanto no Brasil, como no mundo, no que diz respeito à lideranças budistas femininas. Sua presença neste ambiente subverte a ordem patriarcal e permite um novo modelo de inspiração, principalmente às mulheres, e que vemos tão presente no Budismo ocidental, chamado de terceiro caminho (USARSKI, 2009). Entretanto, há muito o que se reformular para que a meio religioso onde se inclui o Budismo. Deste modo, podemos enxergar rupturas e permanências no que diz respeito à longa duração e, de modo especial, daquelas mudanças que ocorreram no intervalo da ordenação da primeira monja budista, Mahaprajapati, até a ordenação da primeira monja brasileira, Monja Coen. Apesar dos avanços, ainda há muito o que se fazer para que o meio religioso esteja mais igualitário e menos engessado nas estruturas tradicionais já muito desgastadas no tempo, porém ainda de pé.

Referências

GONÇALVES, Ricardo Mário. **A introdução do Budismo no Japão**. Estudos japoneses, v. 8, p. 53-60, 1988.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

USARSKI, Frank. **O budismo e as outras**: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Idéias & letras, 2009.

SHOJI, Rafael. **Uma perspectiva analítica para os convertidos ao Budismo japonês no Brasil**. Rever, v. 2, n. 2, p. 85-111, 2002.

GOMIDES, Mila. **Como cresce o budismo ocidental no Brasil**. Disponível em: https://www.martureo.com.br/wp-content/uploads/2017/09/como-cresce-o-budismo-ocidental-no-brasil_mila-gomides.pdf Acesso em: 22 jun. 2022.

GONÇALVES, Ricardo Mário. **As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul**: aspectos dos vários "budismos" no Brasil. Revista USP, n. 67, p. 198-207, 2005.

ROCHA, Cristina. **Rezando Preces Budistas e Católicas**: A Crioulização de Rituais Zen no Brasil. Ponto de Encontro, n. 1, 2006.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Direitos, cidadania das mulheres e religião**. Tempo social, v. 20, p. 67-81, 2008.

ROESE, Anete. **Feminismo E Religião**: conquistas e desafios do século XXI. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 29, n. 1, p. 9-26, 2016.

GROSS, Rita M. **Mulheres budistas como líderes e professoras**. Revista Estudos Feministas, v. 13, p. 415-423, 2005.

FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão et al. **GURUDHARMAS: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes**. 2020.

COEN, Monja. **O que aprendi com o silêncio**. Planeta Estratégia, 2019.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **A não-ordenação feminina**: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. Revista Estudos Feministas, v. 13, p. 425-436, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. Editora Contexto, 2009.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, 2017.